

Desenvolvimento econômico e indústrias criativas: um conto de causalidade

Francisco Marco-Serrano¹
Pau Rausell-Koster²

1. Introdução

As regiões europeias, especialmente as do sul do continente, estão em uma encruzilhada sem precedentes desde o desfecho da Segunda Guerra Mundial. Em 1989, ano da queda do Muro de Berlim, emergiu na Europa o espaço político e econômico mais bem-sucedido por meio de um processo de convergência econômica e integração não forçada que pode ser considerado milagroso em termos históricos. Vinte anos depois, o impacto da crise financeira nos Estados Unidos atingiu as economias europeias gerando quedas no produto interno bruto (PIB) de 6% na Alemanha, no Reino Unido e na Itália. Desde então, houve uma série de tentativas para superar uma crise que quase colapsou o sistema monetário e danificou a economia real; as políticas econômicas implementadas resultaram em uma redução substancial no tamanho do Estado de bem-estar que caracterizava o modelo europeu.

Com esse pano de fundo, diferentes propostas tentam buscar um modelo econômico sustentável para assegurar a competitividade da Europa no médio e no longo prazo. Fortalecer as indústrias culturais e criativas (ICC) é um dos caminhos propostos. Na realidade, como apontado por Potts e Cunningham (2010), essas indústrias tem sua importância em termos dinâmicos, derivada de sua capacidade de catalisar crescimento e desenvolvimento econômico dinâmico, mesmo quando sua importância estática cresce também e se constitui em um setor econômico cujo tamanho supera o setor primário em termos de valor adicionado bruto em muitos países ocidentais.

Usando dados europeus em nível regional e modelação de equação estrutural (SEM), buscamos analisar se há uma relação verdadeira entre crescimento econômico e a força das indústrias criativas, construindo um modelo que nos permita interpretar os impactos de diferentes variáveis socioeconômicas no crescimento da geração de renda de uma região e no emprego no sector.

1. Doutorando em Economia pela Universidade de Valência, Espanha. Professor do Departamento de Economia na Escola de Gestão de Greenwich, Londres, Reino Unido. E-mail: francisco.marcoserrano@gsm.org.uk

2. Doutor em Economia pela Universidade de Valência, Espanha. Professor no Departamento de Economia Aplicada da mesma universidade. E-mail: pau.rausell@uv.es

2. Condições socioeconômicas e indústrias culturais e criativas na Europa

Apesar das discussões sobre a definição de ICC e dos diferentes comportamentos de cada um de seus subsetores, a literatura acadêmica enfatizou em alguns detalhes a relação entre cultura e desenvolvimento. Power e Nielsén (2010) e Power (2011, p. 2) afirmaram que “regiões com altas concentrações de indústrias criativas e culturais possuem os níveis de prosperidade mais altos da Europa”, sugerindo que há um conjunto crescente de evidências reforçando a ideia de que há uma relação forte entre o tamanho das ICC e a riqueza das regiões na Europa.

Essa evidência mostra que as relações não são apenas correlações, mas relações causais e circulares. Portanto, ser uma região rica é a causa de se ter mais pessoas trabalhando nos setores de ICC; ao mesmo tempo, ter mais pessoas trabalhando nesses setores faz da região mais rica, o que, por sua vez, atrairá mais emprego para o setor, transformando o processo em um círculo virtuoso. Outras conclusões apontam que essas relações são complexas, múltiplas e às vezes contraditórias (DE MIGUEL et al, 2012; RAUSELL; ABELEDO, 2012).

Tradicionalmente, a relação entre atividades culturais e criativas foi relegada a responder questões sobre o fracasso de artes e mercado (economia cultural) ou sobre a busca por racionalidade para a regulação cultural. Do contrário, atualmente há um foco no papel da mídia, da cultura e da comunicação em gerar mudança e crescimento no sentido schumpeteriano: o “motor capitalista” (CUNNINGHAM, 2011). A Europa não possui mais opções de especialização no cenário global de competitividade. Como o Livro Verde “Destravando o potencial das indústrias culturais e criativas” afirmou:

Para a Europa e outras partes do mundo, o lançamento acelerado de novas tecnologias e a crescente globalização significaram uma forte mudança para longe da manufatura tradicional em direção a serviços e inovação. O chão da fábrica está progressivamente sendo substituído por comunidades criativas, cuja matéria-prima é sua capacidade de imaginar, criar e inovar. Nessa nova economia digital, valores imateriais determinam crescentemente o valor material, uma vez que consumidores buscam “experiências” novas e enriquecedoras. A capacidade de criar experiências sociais e estabelecer redes de relações é agora um fator de competitividade (EUROPEAN COMMISSION, 2010b, p. 2).

Assim, se queremos alavancar criatividade e inovação e criar uma nova cultura empresarial, os governos precisam estimulá-las por meio do empoderamento das ICC. Lamentavelmente, como afirmaram Cooke e De Propis (2011), o crescimento econômico da União Europeia não leva as oportunidades e o potencial das ICC suficientemente em conta, favorecendo tecnologias e serviços brutos.

Do lado positivo, um consenso está se formando em torno do fato de que a dimensão simbólica de uma área e como ela se implementa em atividades culturais e

criativas afetando sua estrutura socioeconômica e competitividade está muito além dos aspectos estéticos da atividade cultural. Contudo, formulações de políticas se tornaram muito vagas, e a cultura aparece como uma variável contextual que engloba tudo, mas em que é difícil determinar a causalidade das relações (RAUSELL; ABELEDO, 2012). Ainda, alguns autores questionam seriamente a relação entre economia criativa e desenvolvimento (ver REESE; SAND, 2008).

Apenas recentemente foi desenvolvido um corpo teórico para revelar uma abordagem mais acurada para a caixa preta que conecta atividades culturais e criativas a competitividade e performance econômica de uma região. Mesmo levando em conta que estamos desenvolvendo rapidamente uma linha que conecta cultura e criatividade a desenvolvimento econômico, há ainda muitas questões não resolvidas. De fato, um dos objetivos desta pesquisa é aprofundar nossa compreensão das dinâmicas de relações entre as ICC e a performance econômica de uma região.

Segundo a pesquisa patrocinada pela Comissão Europeia, a geração de renda nas regiões europeias é explicada pelo efeito instantâneo de emprego nos setores criativos. O relatório “A economia da cultura na Europa” (EUROPEAN COMMISSION/KEA, 2006), além de revelar as ligações entre criatividade e inovação dentro do setor de tecnologia da informação e das comunicações e de desenvolvimento regional e atratividade, demonstrou que os setores criativos e culturais na Europa são tão competitivos quanto os outros setores industriais; em alguns casos, inclusive, são mais competitivos, tornando as ICC o motor do crescimento econômico baseado na força de trabalho.

A urbanização é outro fator relevante para explicar o emprego no setor cultural, o que reforça a importância de economias de aglomeração e de formação de *clusters* de atividades criativas e culturais. Regiões urbanas concentram 32% da força de trabalho criativa com apenas 25% da população ativa (RUSSO; QUAGLIERI, 2011). Trabalhos como o Relatório de Competitividade Europeia (EUROPEAN COMMISSION, 2010a) apontaram diversas razões por que as indústrias criativas estão concentradas em regiões urbanas. Os fatores principais são: (1) importância de mercados de trabalho locais específicos e de conhecimento tácito; (2) externalidades (*spillovers*) de uma indústria criativa para outra; (3) o acesso das empresas a infraestruturas específicas e recursos coletivos; (4) trabalho baseado em projeto; (5) benefícios sinérgicos de aprendizado coletivo; e (6) desenvolvimento de serviços associados, infraestrutura e políticas governamentais de apoio. No entanto, outros estudos baseados no método dos mínimos quadrados (EUROPEAN COMMISSION, 2010a) indicam que o nível de especialização urbana de indústrias criativas aumenta menos do que proporcionalmente ao aumento no tamanho da população. Esses dados podem indicar que, em alguns setores, espaços urbanos oferecem uma massa crítica mínima que permite o estabelecimento de atividades culturais e criativas. Contudo, uma vez que essa massa crítica é ultrapassada, as variações não são proporcionais.

Outra variável a ser considerada quando se explica o emprego em indústrias criativas é o capital humano. Não obstante, as indústrias criativas estão fortemente ligadas à existência de uma concentração de indivíduos altamente educados (FLORIDA, 2002).

Em Rausell, Marco-Serrano e Abeledo (2011), algumas hipóteses sobre a direção da causalidade entre emprego nas ICC e desenvolvimento econômico são propostas. Nesse trabalho, uma abordagem de dados em painel econométrico é adotada para

testar a causalidade entre PIB per capita e intensidade de trabalho nas ICC mensurada como percentual das pessoas empregadas no setor com relação ao total na região, com o escopo de pesquisa sendo a Espanha. Os resultados dessa pesquisa mostraram a existência de uma relação bidirecional e retardada entre as duas variáveis, o que os autores chamaram de “círculo virtuoso” entre geração de renda e intensidade do trabalho em ICC.

Para nossa pesquisa, estamos interessados em aumentar o escopo da análise iniciada por Rausell, Marco-Serrano e Abeledo (2011) para abarcar toda a área econômica europeia. Ainda, iremos utilizar uma metodologia considerada tecnicamente mais adequada para testar as seguintes hipóteses:

H1: Há um efeito causal bidirecional entre geração de renda regional e intensidade do trabalho nas ICC na Europa.

H2: A intensidade do trabalho nas ICC está ligada ao estoque de capital humano, ligado à presença de um setor forte de educação superior e a processos de urbanização.

3. Dados

Empregando dados do Eurostat e do European Cluster Observatory, compilamos um conjunto de dados não balanceados composto de 271 regiões europeias (nível 2 de Nuts)³. Os dados disponíveis incluem os anos de 1999 a 2008.

3.1. Geração de renda

Para analisar geração de renda, utilizamos três variáveis: PIB per capita (GDPPC, em termos de nível de poder de compra); renda familiar disponível per capita (DIPH, mensurada em nível de poder de compra); e produtividade aparente do trabalho (PROD). Enquanto a primeira é uma das variáveis mais empregadas para avaliar desenvolvimento econômico, a segunda extrai o efeito de impostos, permitindo determinar a renda que pode ser usada individualmente e efetivamente para obter utilidade direta. Contudo, isso obvia os efeitos derivados do uso que os governos fazem dos recursos dos impostos. Quanto à terceira variável, é preciso considerá-la quando se avalia a geração de renda de uma economia devido a sua relação com criação de emprego e estabelecimento de salário, e porque é o principal motor de crescimento econômico.

3.2. Emprego

O período analisado foi uma década de crescimento em termos de emprego, com a taxa de emprego testemunhando um crescimento anual de 0,71% e a taxa

3. De acordo com o Eurostat, “A classificação de Nuts (Nomenclatura de unidades territoriais para estatística é um sistema hierárquico para dividir o território econômico da UE”. Regiões Nuts 2 são “regiões básicas para a aplicação de políticas regionais”. Ver Regulation (EC) No 1059/2003 estabelecendo a classificação comum de unidades territoriais para estatística (Nuts).

de desemprego caindo a 3% ao ano. Para analisar a evolução do emprego nas ICC, recorremos à definição operacional do Observatório de Clusters Europeu (POWER, 2011) e, assim, consideramos tanto emprego nas ICC quanto emprego em serviços profissionais intensivos em conhecimento. As variáveis foram calculadas como intensidades, obtendo-se as porcentagens de emprego em comparação ao emprego total das regiões INTCCI (intensidade do emprego no setor de ICC) e INTKIBS (intensidade do emprego no setor de KIBS).

3.3. Educação superior

Três variáveis foram consideradas como indicadores de educação superior: estudantes na educação terciária ISCED 5-6 (Classificação Padrão Internacional de Educação, níveis 5-6) como percentual da população entre 20 e 24 anos em nível regional (STTER1); proporção de estudantes de ensino superior entre a população da região (STTER2); e estudantes no nível regional como percentual de todos os estudantes em nível nacional (STTER3).

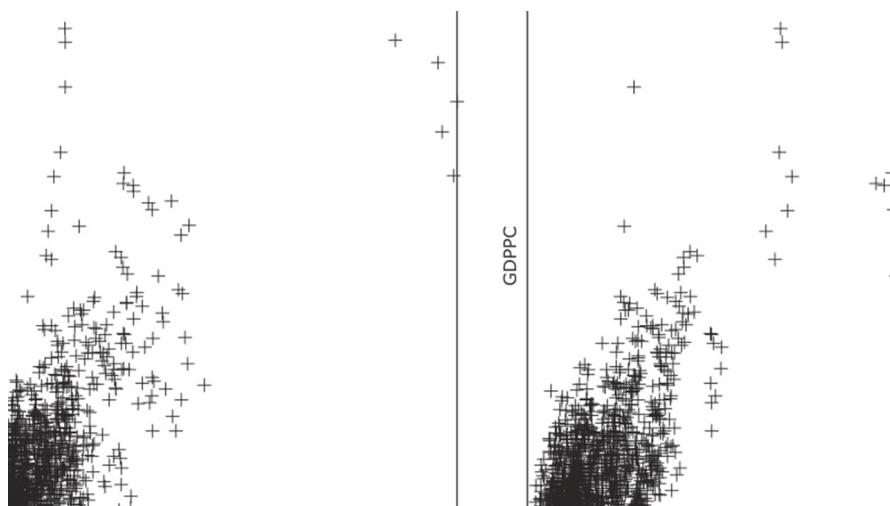
3.4. Urbanização

O nível de urbanização é uma das características que acompanham tanto o crescimento econômico quanto a evolução das ICC. Já que o fenômeno cultural e criativo é uma entidade urbana, é interessante avaliar se essas características são decisivas ou explicativas do nível de desenvolvimento de uma economia regional no nível europeu. A média de valores de cada variável e ano pode ser encontrada na Tabela 1.

4. Avaliando a causalidade entre trabalho em indústrias culturais e criativas e geração de renda

Estabelecer a relação entre intensidade laboral nas ICC (INTCCI) e intensidade laboral para serviços empresariais intensivos em conhecimento (INTKIBS) com PIB per capita para o período de 1999-2008 mostra um relação forte entre mercados laborais de INTCCI e INTKIBS e geração de renda per capita (Figura 1). Ambas as variáveis de intensidade de trabalho são capazes de explicar até 47,57% (INTCCI) e 53,32% (INTKIBS) da variação em PIB per capita. Contudo, deve-se notar que a região metropolitana de Londres tem um grande impacto; quando essa região é omitida, os coeficientes de determinação caem para 39,58% (INTCCI) e 45,52% (INTKIBS).

Figura 1 - Relação entre intensidade de trabalho em ICC e KIBS e PIB per capita (1999-2008)



Fonte: Elaboração própria a partir de Eurostat e Power (2011).

Tabela 1 - Variáveis do Modelo

ANO	CULTURA		CRIATIVA		TOTAL OCUPADOS		
	Nº ABS.	VAR. %	Nº ABS	VAR. %	Nº ABS.	VAR. %	
2014	1º trim.	1.077.260	4.407.766		91.251.589		
	2º trim	1.057.595	-1,83	4.839.965	9,81	92.051.939	0,88
	3º trim	1.090.395	3,1	5.261.137	8,7	92.269.100	0,24
	4º trim	1.163.419	6,7	5.446.229	3,52	92.874.532	0,66
2015	1º trim.	1.146.623	-1,44	5.319.452	-2,33	92.023.103	-0,92
	2º trim	1.232.415	7,48	5.218.160	-1,9	92.211.336	0,2
	3º trim	1.313.404	6,57	5.225.430	0,14	92.089.928	-0,13
	4º trim	1.333.876	1,56	5.068.013	-3,01	92.244.835	0,17
2016	1º trim	1.241.085	-6,96	5.058.077	-0,2	90.639.074	-1,74
	2º trim	1.288.408	3,81	5.197.489	2,76	90.798.100	0,18
	3º trim	1.243.324	-3,45	5.116.744	-1,55	87.479.184	-3,66
	Variação acumulada	166.148	15,42	708.978	16,08	-3.772.405	-4,13

Fonte: Elaboração própria a partir de Eurostat (2016) e Power (2011).

Essa relação aparente não significa que é um crescimento na intensidade do trabalho nesses setores que gera crescimento econômico, nem que o crescimento econômico é a causa para maior intensidade laboral nos setores considerados; isso pode simplesmente ser uma correlação espúria mostrando uma relação estatisticamente significativa sem nenhum sentido econômico. Poderia haver outro fenômeno: a transmissão de causalidade por meio de uma terceira variável invisível ou desconhecida ao pesquisador; ou poderia ser o efeito de mero acaso.

Econometricamente, podemos tentar minimizar o efeito de correlações espúrias ao incorporar mais variáveis explicativas. Lamentavelmente, esse procedimento carece da possibilidade de que algumas dessas variáveis são difíceis de mensurar, e nós ainda incorreríamos em uma questão da endogeneidade. (Segundo Greene [2003] esperar-se-ia que uma variável exógena variasse autonomamente, enquanto uma variável endógena não poderia variar independentemente das outras.) Variáveis instrumentais (IV) poderiam ser usadas para evitar uma questão de endogeneidade. Outras alternativas se relacionam a modelos de equações simultâneas, como vetor autorregressivo (VAR). Em Rausell, Marco-Serrano e Abeledo (2011), por exemplo, um teste de dados em painel baseado no teste de causalidade de Granger foi usado para determinar se padrões de causalidade são encontrados entre intensidade laboral em INTCCI e INTKIBS e PIB per capita.

Contudo, o modelo de erros espaciais (SEM) adequa-se melhor ao conceito de causalidade e considera a possibilidade de relações diretas e indiretas; por essa razão, escolhemos SEM para a análise nessa pesquisa. De acordo com Mueller e Hancock (2008), funções SEM podem ser encontradas na análise de trajetória e na análise de fator confirmatório, enquanto outras técnicas, como análise de variância, regressão linear múltipla e regressão canônica poderiam ser consideradas como casos específicos de SEM.

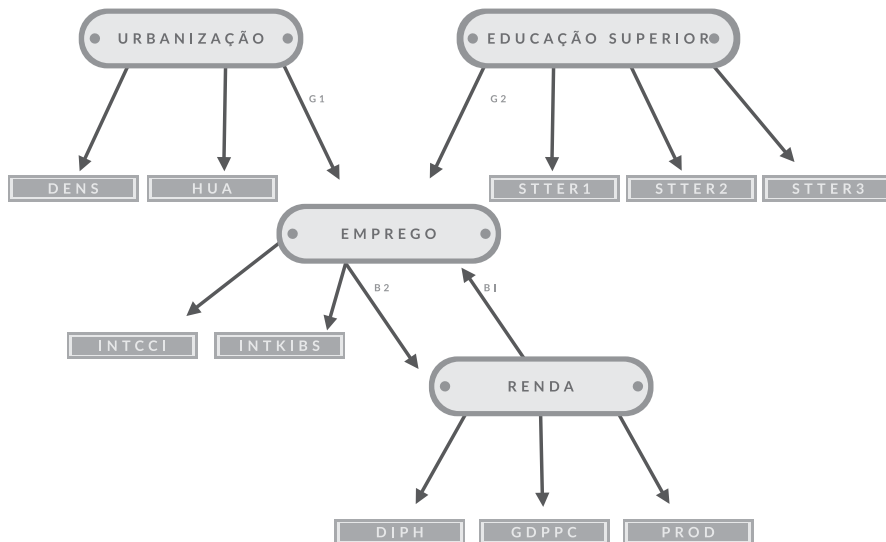
Essa técnica estatística adota uma abordagem confirmatória para a análise de uma estrutura teórica por meio de uma série de equações simultâneas. Alcançar um ajuste significativo de modelo nos daria uma ideia da plausibilidade da estrutura proposta. Causalidade é assim contrastada do ponto de vista tanto teórico quanto empírico. Nesse sentido, SEM tem uma reputação melhor na literatura acadêmica, mesmo que sua capacidade de avaliar relações causais verdadeiras tenha também gerado debate (para um relato abrangente desse debate, ver Pearl [2012]).

Para estabelecer o modelo teórico, criamos três construtos sintéticos nomeados de acordo com os grupos mencionados na seção anterior: urbanização, educação superior e emprego (em ICC). Esses indicadores sintéticos não observados (“variáveis latentes”, segundo a literatura de SEM) constituem nosso modelo estrutural, enquanto que as variáveis observadas das quais eles são formados estabelecem o modelo de mensuração. As últimas variáveis também são descritas na seção anterior.

Na Figura 2, as variáveis sintéticas estão marcadas com uma elipse, enquanto as variáveis observadas são mostradas dentro de retângulos. As flechas que ligam as variáveis sintéticas indicam uma relação teórica de causa-efeito, enquanto as que ligam uma variável sintética a uma observada indicam uma relação entre a estrutura (variável latente) e a mensuração (variável observada). Esse modelo cria uma hipótese sobre a existência de um efeito circular entre geração de renda e intensidade do trabalho em setores criativos.

O emprego em setores culturais é explicado por três tipos de efeito: (1) o modelo urbano, resultando da mensuração da densidade da população por km² (DENS) e a porcentagem da população vivendo em áreas densamente povoadas (HUA); (2) a geração de capital humano, resultando de STTER1, STTER2 e STTER3 (como definidos acima); e (3) o efeito de geração de renda, representada por GDPPC, DIPH e PROD (também definidos previamente).

Figura 2 - Modelo conceitual - estrutura de causa-efeito para emprego em indústrias criativas e geração de renda



Fonte: Elaboração própria.

Para estimar o modelo, o *software* estatístico R foi usado, empregando o pacote “lavaan” (ver Rosseel [2012]). A melhor aproximação para o construto educação superior é a combinação linear de STTER2 e STTER3, enquanto urbanização fica com HUA e DENS. Ambas as variáveis latentes explicam emprego. Contudo, INTCCI é a melhor opção para explicar emprego.

Como podemos ver na Tabela 2, mesmo havendo uma relação significativa entre emprego e renda, somente no Modelo 4 podemos encontrar uma relação inversa (renda é estatisticamente relevante para explicar emprego). Ainda, essa é uma relação indireta, o que parece ser contraintuitivo, uma vez que esperaríamos uma relação positiva.

Tabela 2 - Resultados dos Modelos 1-4

	MODELO 1		MODELO 2		MODELO 3		MODELO 4	
MODELO DE MENSURAÇÃO	COEF.	P	COEF.	P	COEF.	P	COEF.	P
Receita								
GDPPC	1,0000	N/A	1,0000	N/A	1,0000	N/A		
PROD							1,0000	N/A
Emprego								
INTCCI	1,0000	N/A					1,0000	N/A
INTKIBS			1,0000	N/A	1,0000	N/A		
Educação Superior								
SITER2	1,0000	N/A	1,0000	N/A	1,0000	N/A	1,0000	N/A
SITER3	1,2120	0,0000	1,1420	0,0000	1,1320	0,0010	1,2590	0,0000
Urbanização								
HUA	1,0000		1,0000	N/A	1,0000	N/A	1,0000	N/A
DENS	1,2480	0,0000			1,1710	0,0000	1,2590	0,0000
	MODELO 1		MODELO 2		MODELO 3		MODELO 4	
MODELO ESTRUTURAL	COEF.	P	COEF.	P	COEF.	P	COEF.	P
Receita								
	0,7570	0,0000	0,7640	0,0000	0,7100	0,0000	0,8370	0,0000
Emprego								
Educação Superior								
Urbanização								
Emprego								
Receita	-0,0840	-0,3710	-0,0340	0,7870	0,0850	0,2230	-0,3520	0,0040
Educação Superior	0,3830	0,0000	0,2480	0,0110	0,0400	0,6110	0,4240	0,0000
Urbanização	1,2070	0,0000	0,0000	1,2440	1,2440	0,0000	1,5020	0,0000
X ²	3,946		6,395		9,251		4,671	
p	0,684		0,094		0,160		0,587	
AIC	4.056,29		3.415,61		3.998,01		4.068,03	
BIC	4.110,32		3.458,84		4.052,04		4.122,06	
adj-BIC	4.062,76		3.240,79		4.004,48		4.074,50	

Fonte: Elaboração própria.

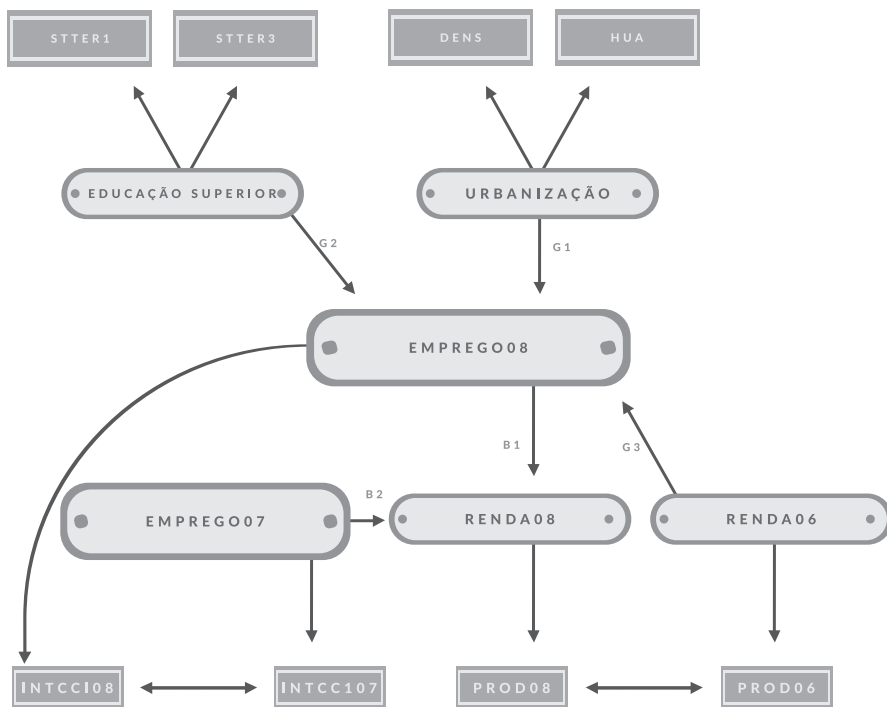
Tabela 3 – Resultados do modelo 5

MODELO 5		
MODELO DE MENSURAÇÃO	COEF.	P
Receita08		
PROD08	1,0000	N/A
Receita06		
PROD06	1,0000	N/A
Emprego08		
INTCCI08	1,0000	N/A
Emprego07		
INTCCI07	1,0000	N/A
Educação Superior		
STTER2	1,0000	N/A
STTER3	1,3310	0,0000
Urbanização		
DENS	1,0000	N/A
HUA	0,7770	0,0000

MODELO 5		
MODELO ESTRUTURAL	COEF.	P
Receita 08		
Emprego08	0,4050	0,0000
Emprego07	0,4180	0,0000
Emprego08		
Receita06	0,2160	0,0000
Educação Superior	0,3100	0,0000
Urbanização	0,7310	0,0000
χ^2	15,053	
p	0,18	
AIC	3.815,44	
BIC	3.905,49	
adj-BIC	3.826,22	
RMSEA	0,04	

Fonte: Elaboração própria.

Figura 3 – O círculo virtuoso das indústrias criativas



Fonte: Elaboração própria.

5. Considerações finais

Podemos concluir com a interpretação de que as fundações para ativar o círculo virtuoso gerado pela causalidade recíproca entre emprego em ICC e geração regional de renda são a existência e a concentração de capital humano nas áreas urbanas. Analisamos as condições quando há retorno entre emprego e geração de renda em um trabalho prévio (RAUSELL; MARCO-SERRANO; ABELEDO, 2011).

Nesse sentido, cidades e universidades se tornam fatores chave para o crescimento de ICC e, de acordo com a relação circular prevista, para o crescimento econômico das regiões. Deve-se ter em mente que o fator urbanização tem um grande impacto em determinar o emprego em ICC, reforçando os outros conceitos sobre a importância de economias de aglomeração e de economias de *clusters*.

Outro ponto que deve ser reforçado é o fato de que as variáveis que representam capital humano são aquelas relacionadas à proporção de estudantes entre 20 e 24 anos, aqueles teoricamente em idade de estudo universitário. Isso nos leva a considerar a importância de jovens formalmente treinados e o quão crítico é a disponibilidade de universidades no território para esse processo. Portanto, estamos pondo em questão a

ideia de importância da classe criativa, uma vez que aqui parecemos ter estabelecido como relevante o percentual de estudantes jovens, ao invés da porcentagem de profissionais. Isso indica que há uma correlação entre jovens e emprego em ICC, apoiada pelo fato de que ICC tende a ser um setor muito jovem em termos de força de trabalho. Se esse for o caso, então podemos assimilar a característica de “ser jovem” à dimensão criativa, e também a capacidade de assimilar inovações. Jovens participam mais de redes tanto físicas quanto virtuais e estão mais abertos a se adaptarem a modelos de trabalho mais flexíveis e ligados a estilos de vida que são tradicionalmente vistos como fundidos a estilos de trabalho instáveis (poderíamos adicionar “precários” aqui).

Por fim, nossos modelos trazem implicações para o papel das universidades. Nesse sentido, estas não são apenas socialmente lucrativas em termos de geração de capital humano e tecnologia, e como centros de transferência de tecnologia, mas como centros de disseminação de certos estilos de vida e de criação de demanda solvente, ao mesmo tempo em que ajudam a desenvolver pessoas capazes de trabalhar nas ICC.

6. Referências

COOKE, P.; DE PROPRIIS, L. A Policy Agenda for EU Smart Growth: the Role of Creative and Cultural Industries. **Policy Studies**, v. 32, n. 4, p. 365-375, 2011.

CUNNINGHAM, S. Developments in Measuring the “Creative” Workforce. **Cultural Trends**, v. 20, n. 1, p. 25-40, 2011.

DE MIGUEL, B. et al. The Importance of Creative Industry Agglomerations in Explaining the Wealth of European Regions. **European Planning Studies**, v. 20, n. 8, p. 1263-1280, 2012.

EUROPEAN COMMISSION. **European Competitiveness Report 2010**: COM(2010) 614. Luxembourg: European Commission, 2010a.

EUROSTAT. **Cultural Statistics**. 2016 Edition. Bruxelles: Statistical Books, 2016.

_____. **Green Paper: Unlocking the Potential of Cultural and Creative Industries**: COM(2010) 183. Brussels: European Commission, 2010b.

EUROPEAN COMMISSION/KEA. **The Economy of Culture in Europe**. Brussels: European Commission/KEA, 2006.

FLORIDA, R. **The Rise of the Creative Class**. New York: Basic Books, 2002.

GREENE, W. H. **Econometric Analysis**. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2003.

MUELLER, R. O.; HANCOCK, G. R. Best Practices in Structural Equation Modeling. In: OSBORNE, J. (Org.). **Best Practices in Quantitative Methods**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2008. p. 488-508.

PEARL, J. The Causal Foundations of Structural Equation Modelling. In: HOYLE, R. H. (Org.). **Handbook of Structural Equation Modelling**. New York: Guilford Press, 2012. p. 68-91.

POTTS, J.; CUNNINGHAM, S. Four Models of the Creative Industries. **Revue d'Économie Politique**, v. 120, n. 1, p. 163-180, 2010.

POWER, D. Priority Sector Report. Creative and Cultural Industries. **Europa Innova Paper**, n.16. European Cluster Observatory. Luxembourg: European Commission, 2011.

POWER, D.; NIELS, T. **Priority Sector Report: Creative and Cultural Industries**. Preliminary Version. Brussels: European Cluster Observatory, 2010.

RAUSELL, P.; ABELEDO, R. Culture as a Factor for Economic and Social Innovation. **Report Tome 01**. Valencia: Sostenuto Project, 2012.

RAUSELL, P.; MARCO-SERRANO, F.; ABELEDO, R. Sector Cultural y Creativo y Riqueza de las Regions: en busca de Causalidades. **Ekonomiaz**, v. 78, n. 3, p. 66-89, 2011.

REESE, L. A.; SAND, G. Creative Class and Economic Prosperity: Old Nostrums, Better Packaging? **Economic Development Quarterly**, v. 22, n. 3, p. 3-7, 2008.

ROSSEEL, Y. lavaan: An R Package for Structural Equation Modeling. **Journal of Statistical Software**, v. 48, n. 2, p. 1-36, 2012.

RUSSO, A.; QUAGLIERI, A. **Creative Workforce in Europe: Territorial Patterns and Effects**. Barcelona: ERSA Congress, 2011.